

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS**

MURIEL DA SILVA BENATTI

**AS PRÁTICAS E OS DESAFIOS PARA AGREGAR A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA, 2014

MURIEL DA SILVA BENATTI



**AS PRÁTICAS E OS DESAFIOS PARA AGREGAR A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Ensino de Ciências – Pólo de Araras, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA Orientador(a): Prof. Dr^a. Professora Michelle Budke Costa.

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

AS PRÁTICAS E OS DESAFIOS PARA AGREGAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

Muriel da Silva Benatti

Esta monografia foi apresentada às 10:30 h do dia 29 de Março de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Ciências – Pólo de Araras, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Dr^a. Michelle Budke Costa
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. Ivonei Ottobelli
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr. Rafael Arioli
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-

Dedico este trabalho a todos
que contribuíram e ainda contribuem para o meu
caminhar dentro da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família (Rosa, Mauro e Natália), que acompanhou e fortaleceu-me para que pudesse conquistar meus objetivos, a meu noivo Luis Henrique que sempre incentivou o meu melhor e também a todos os professores deste curso de Especialização em Ensino de Ciências, em especial a Professora Dr^a. Professora Michelle Budke Costa, que contribuiu com minha formação e para a melhora do meu ser profissional em educação.

“A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da historicidade - palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, ixânime. Palavra que diz e transforma o mundo. A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração” (PAULO FREIRE)

RESUMO

BENATTI, Muriel da Silva. As práticas e os desafios para agregar a educação ambiental aos anos iniciais do ensino fundamental. 2013. 47 p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

A temática deste trabalho é a educação ambiental, partindo da ideia de caracterizar ações, posturas e contextos referentes ao assunto, sendo o seu objetivo principal, conhecer o modo de inserção da educação ambiental dentro das escolas de ensino fundamental de anos iniciais. O desenvolvimento partiu de observação e questionário sobre o assunto dentro de um grupo de dezessete professores de duas escolas de anos iniciais da cidade de Campinas e constatando-se nesta investigação a promoção de uma educação ambiental superficial e pautada apenas na construção do conceito de mínimo.

Palavras-chave: escola, professor, aluno e comunidade.

ABSTRACT

BENATTI, Muriel da Silva. As práticas e os desafios para agregar a educação ambiental aos anos iniciais do ensino fundamental. 2013. 47 p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as its theme and features environmental education actions, attitudes, ideas and contexts pertaining to the subject, the principal objective being to know how to insert environmental education within elementary schools in the early years. The proposal was developed through observation and questionnaire on the subject within a group of seventeen teachers from two schools in the early years of the city of Campinas and it was found in this research to develop a superficial environmental education and driven only in the construction of a minimal concept .

Keywords: school, teacher, student and community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da Região Metropolitana de Campinas	10
Figura 2. Município de Campinas/SP dividido em regiões	11

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Análise da inserção da educação Ambiental na escola	15
Gráfico 2. Modo de inserção da educação ambiental no cotidiano escolar.....	16
Gráfico 3. Ações em sala de aula.....	17
Gráfico 4. Formação dos professores	18
Gráfico 5. Educação Ambiental na formação	19
Gráfico 6. Preparo profissional com educação ambiental	21
Gráfico 7. Promoção da Educação Ambiental.....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNDO	5
2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL	6
2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO	7
2.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES	8
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
3.1 LOCAL DA PESQUISA	10
3.2 PÚBLICO ALVO	12
3.3 TIPO DE PESQUISA.....	12
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	13
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1 ASPECTOS DA SALA AULA	15
4.2 FORMAÇÃO.....	18
4.3 OLHARES DOS PROFISSIONAIS.....	22
4.4 CONCEITO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES	32

1. INTRODUÇÃO

O meio ambiente é um assunto que sempre está em pauta em diversos segmentos da sociedade. Conceitos comuns são produzidos dentro das discussões sobre o tema e de certo modo, o conhecimento formal parece restringir-se aos estudiosos e pesquisadores. Dessa perspectiva, a discussão é levada para dentro das escolas, onde a educação ambiental carrega um papel importante aos olhos da sociedade: “salvar o meio ambiente”. Todos os olhares e todas as expectativas são depositadas dentro da escola e esta procura adequar tal missão à sua realidade.

“Predomina na cultura brasileira, a ideia de que a função maior da educação ambiental é despertar a consciência ecológica na sociedade, sensibilizando as crianças e os jovens – as futuras gerações - para a compreensão da problemática ambiental e a importância da aquisição de novos comportamentos e atitudes. Um trabalho cujo produto estaria sempre postado no futuro. (Silva, p.5, 2005).”

Sabe-se que no Brasil, a partir da década de 1950, existem registros sobre iniciativas isoladas de inserção de temas ambientais no ensino formal e estas eram atividades realizadas por professores do ensino básico e do ensino superior, que saíam das salas de aula com seus alunos para observar o ambiente da escola, do bairro e até da cidade. Tais atividades eram chamadas de “estudos do meio” ou “trabalho de campo” (Mendes e Vaz, 2009).

Dentro da vivência e observação de algumas escolas públicas, notou-se que o trabalho com a educação ambiental limitou-se a ser realizado por projetos, quando não, apenas no intuito de plantar árvores ou separar o lixo. Não que tais ações não sejam importantes, mas, pode-se ir além, onde, produzir educação ambiental na escola avança por questões que perpassam a prática dos profissionais envolvidos, bem como, da própria população ligada à realidade da mesma, mas principalmente, permite uma possibilidade para o diálogo, insere o aluno em seu cotidiano, permitindo a construção de sua autonomia e reflexão não apenas para fins de preservação, mas também o exercício da cidadania (Silva, 2005).

A Educação ambiental, portanto, assume uma grande importância para a sociedade brasileira e para o currículo escolar e diante disto, depara-se com um problema: é possível incorporar a educação ambiental dentro do currículo escolar, permitindo assim a evolução de uma ideia de tema transversal/projeto para um

conteúdo e quem sabe, para uma disciplina curricular contextualizada e significativa dentro da realidade da escola dos anos iniciais? Como fazê-lo? Quais mudanças devem acontecer para que a educação ambiental passe a ser vista enquanto bem necessário para a construção do conhecimento?

Atualmente, o currículo escolar dos anos iniciais é baseado nos ideais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e também em muitos pensadores famosos e caracteriza-se, em sua grande maioria, por contemplar de modo privilegiado o trabalho com Língua Portuguesa e Matemática. Neste momento, as outras disciplinas são "deixadas" de lado ou são desenvolvidas dentro do "segundo plano". As dificuldades encontradas pelos professores para realizar um trabalho envolvendo todas as disciplinas ainda são grandes, e por mais que se fale e que se discuta a interdisciplinaridade dentro do currículo, ainda há o peso, e até pressão, para o trabalho com a Matemática e a Língua Portuguesa.

Em 1988, a Constituição determinou a obrigatoriedade dos estudos da Educação Ambiental, não enquanto conteúdo, mas, tema transversal onde as orientações são encontradas nos PCN's e são direcionadas para todos os ciclos da educação básica. (Mendes e Vaz, 2009).

Segundo Bizerril (2001), a insegurança do professor devido à falta de domínio de alguns conteúdos é um ponto muito importante e aparentemente muito relacionado com a resistência e o aparente desinteresse por novos temas, especialmente aqueles ligados a questões ambientais. E esta dificuldade da organização curricular é apenas um dos muitos problemas enfrentados pela escola pública brasileira, especialmente, pelos professores dos anos iniciais, que, além disto, precisam contemplar a educação ambiental dentro do currículo e de um modo transversalizado.

A elaboração de um currículo, muitas vezes, é tida na escola como o processo burocrático que "atrapalha" a formação do aluno, interrompe o desenrolar das ações mais importantes (dar as aulas, corrigir provas e etc.). A atenção dada ao processo de construção do currículo da escola (e até de uma rede de ensino toda) geralmente é feita por pessoas que pouco ou nada estão em sala de aula, quando não, dela querem sair (pelo cansaço, pela angústia, pela desvalorização profissional). E é neste contexto que a reflexão, o conhecimento mais aprimorado e a construção de um conceito mais elaborado acerca da educação ambiental, são

deixados de lado por infinitos motivos que somente quem está dentro da realidade escolar conhece.

“As diferentes concepções de currículo e análises teóricas que delas surgem, são produtos sociais construídos historicamente e representam uma dinâmica relacional entre visão da sociedade e visão de educação. Por tudo isto, nós educadores ambientais não podemos nos isentar desta discussão e precisamos ficar sempre atentos ao que ingenuamente acreditávamos ser uma questão “técnica” e neutralizada politicamente. (Cavalcanti, Ludmila, p.122. 2005).”

Segundo Mendes e Vaz (2009), os documentos oficiais dão indícios da desatenção dos órgãos públicos em relação ao que já se faz na escola e sente-se, por exemplo, que são ignorados tanto a riqueza das práticas de educação ambiental em curso quanto o potencial criativo dos professores no tratamento da educação ambiental em sala de aula. Já a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental ocorrida em 1977, remete sobre a formação docente, que é preciso conceder um lugar importante em seus cursos à temática ambiental, recomenda que se incorporem nos programas, o estudo das ciências ambientais e da educação ambiental.

Os professores, portanto, passam a ter uma grande importância dentro do processo de inserção da educação ambiental enquanto parte do currículo escolar, pois, a sociedade cobra e remete toda e qualquer culpa aos profissionais atuantes dentro da educação. São os professores que acabam intitulados, ao mesmo tempo, “mal formados” e “salvadores da pátria”. São eles que buscam consolidar o ensino da leitura e escrita, das operações básicas e soluções de problemas, mas, que mesmo com os maiores esforços, dá-se a impressão de que, às vistas da sociedade, são os “heróis” e “vilões”.

“É algo validado socialmente e politicamente que os professores são clamados enquanto os salvadores dos “desafios do futuro”, ou porque lhes cabe formar os recursos humanos necessários ao desenvolvimento econômico, ou porque, lhes compete formar as gerações do século XXI, ou ainda, porque devem preparar os jovens para a sociedade da informação e da globalização, ou por qualquer outra razão, os professores voltam a estar no centro das preocupações políticas e sociais (Nóvoa, 1999).

Diante do exposto, esta monografia se propôs a discutir dados coletados dentro de três escolas de anos iniciais e elucidar as possibilidades de trabalho com a educação ambiental, buscando pontuar os desafios encontrados pelos educadores e espera atingir o seguinte objetivo: conhecer a perspectiva da escola de educação

básica, especialmente a dos professores dos anos iniciais, acerca de seus projetos e planos para a incorporação da educação ambiental ao seu currículo escolar.

Este trabalho também partiu na tentativa de responder alguns questionamentos complementares referentes aos conceitos que envolvem educação ambiental e dentro dos parâmetros político-sociais. Buscou elencar as circunstâncias que permeiam o processo de desenvolvimento da educação ambiental na escola, em especial, no desenvolvimento do currículo e, principalmente, aprofundar o conhecimento sobre os conceitos de meio ambiente e educação ambiental através dos “olhares” e das práticas dos profissionais da educação dos anos iniciais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino fundamental da escola brasileira hoje, em sua grande maioria, está organizado em ciclos. Estes ciclos pensam a formação de um aluno que é contínuo dentro do espaço escolar, ano após ano, portanto, não cabe mais dentro desta escola o ensino por compartimentos, onde um professor continua o conteúdo a partir de onde o outro parou, mas, ele deve pensar na continuidade do saber do aluno. O que não torna o exercício da profissão do professor mais fácil ou tão mais difícil. Este trabalho transforma-se sim em algo singular, que deve gerir dentro do tempo e espaço, os contextos educativos mais diversos possíveis, deve mobilizar as competências e habilidades mais inerentes ao cotidiano do aluno e as que não são inerentes também.

“Em algumas iniciativas de redes públicas de ensino, os ciclos caracterizaram-se mais por atenuar os critérios de avaliação existentes na seriação, mediante a introdução da progressão continuada entre algumas séries – que foram agrupadas sob a denominação de ciclos – e mantida, na maioria dos casos, a possibilidade de reprovação por desempenho ao final de cada ciclo. Em outras situações, as medidas foram mais intensas, com mudanças curriculares, incluindo avaliação, rearranjo dos tempos escolares e alterações no trabalho docente. Alavarse (2009, p.35; vol.14).

E se pensarmos na educação ambiental dentro desta organização escolar atual, pode-se determiná-la em diversos momentos e espaços, mas, como bem dizem por aí: a teoria não reflete a prática. Para ampliar a ideia da educação ambiental dentro da escola, é importante pautar-se inicialmente em sua história tanto no cenário internacional como nacional, bem como, nas premissas curriculares existentes dentro do país e o processo de construção destas.

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNDO

Destacando que há muito tempo já existia uma preocupação com o uso indevido dos recursos naturais, Barbieri (2002), descreve que o marco inicial da educação ambiental no âmbito internacional é a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo (1.972). O contexto da época destacava um vínculo indissociável entre desenvolvimento e meio ambiente

como a base de um novo conceito de desenvolvimento denominado de desenvolvimento sustentável.

Esta conferência e muitas outras também firmaram as bases para um novo entendimento a respeito das relações entre o ambiente e o desenvolvimento, e conforme concebe Barbieri, fora durante a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi (1.977), é que os objetivos e diretrizes discutidos durante as inúmeras conferências foram ratificados e estes pautaram a construção das 41 recomendações sobre educação ambiental.

2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

Dentro daquilo que o Brasil se propôs a realizar frente à educação ambiental, pode-se destacar três documentos que marcam o desenvolvimento do trabalho nas escolas. O primeiro documento de importante destaque é a agenda 21 que ressalta a importância do trabalho com a educação ambiental, mas, que tem sua estrutura baseada no documento da Conferência de Tbilisi, endossando suas recomendações e direcionando o trabalho dentro do país.

Dentre os principais documentos firmados pelo Brasil no âmbito internacional, cite-se o documento resultante da Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi, que foi promovida no Município da Geórgia (ex-União Soviética), em outubro de 1977. Sua organização ocorreu a partir de uma parceria entre a UNESCO e o então ainda recente Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA). Nesse encontro foram formulados objetivos, definições, princípios e estratégias para a Educação Ambiental que até hoje são adotados em todo o mundo. (Ministério da Educação, D.C.N para Ed. Ambiental; p.3)

O segundo documento é a lei nº 9795/1999 que determina a princípio ser a educação ambiental, os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como, de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Para finalizar o breve histórico brasileiro, o terceiro documento e caracterizo-o como sendo um dos mais impactantes no que se refere a educação ambiental na escola, são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) que destacam a importância do trabalho com a educação ambiental, através dos temas transversais em um documento que intitula-se "Meio ambiente e Saúde".

2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO

Os PCN'S são referenciais nacionais que subsidiam as propostas e currículos regionais, não sendo de caráter impositivo e sim orientador. A partir deste ponto, abriram-se em todas as redes de ensino as discussões sobre trabalhos interdisciplinares, sobre a formação reflexiva do aluno, sobre a transversalidade e a necessidade de construção de uma proposta regional efetiva dentro de toda e qualquer escola. E no meio de tanta informação, estavam os professores, que como dito anteriormente, eram clamados a resolverem os desafios do futuro.

Da maneira em que se encontram, aquelas Diretrizes Curriculares que fazem alguma referência à Educação Ambiental ou à temática ambiental causam limitações ao avanço das urgentes e necessárias transformações relacionadas à busca pela sustentabilidade e à sobrevivência sadia da humanidade. Isto porque o trato transversal da Educação Ambiental não se limita ao "meio ambiente", mas engloba questões como a erradicação da miséria, justiça social e ambiental, qualidade de vida e outros que justificam uma atitude crítica e a busca da transformação do atual modelo de desenvolvimento econômico-social. (Ministério da Educação, D.C.N para Ed. Ambiental; p.3)

Diante destas informações surge a dúvida: existe a educação ambiental dentro das escolas brasileiras? Ela deveria existir, entretanto, sabe-se que o tempo da sala de aula, não é o mesmo tempo da escola ou da sociedade. São tempos diferentes, momentos e necessidades diferentes. A instituição da educação ambiental na escola não parece para esta como algo arbitrário, mas, necessário. Entretanto, é preciso conhecer a realidade de cada escola, a necessidade de cada profissional que está ali inserido, bem como, a formação e o conhecimento que ele possui sobre o assunto. Pois, diga-se de passagem, é muito bonito uma criança cantando "Terra, planeta água", mas, ao sair do palco, ela vai ao banheiro e deixa a torneira aberta ou que passe ao lado do lixo, mas, prefere deixar o papel fora dele.

Para não entrar no mérito familiar (que me parece tão importante quanto), mas, que trabalho com educação ambiental é este que a escola realiza que não se consegue atingir questões básicas e aí ouve-se na sala dos professores: eu ensino, eles é que não aprendem.

Cabe neste momento uma breve análise acerca da formação dos professores e suas concepções sobre seu processo formativo e nota-se que um dos questionamentos que surge quando esse assunto é abordado é: até que ponto um

processo de formação de professores mais consolidado, ou seja, enfatizado não somente em seu processo inicial, mas também continuado, pode fazer a diferença em sala de aula, especificamente na prática docente.

2.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Muitos professores afirmam, categoricamente, que apenas sua formação inicial (seja ela em nível médio ou superior) basta à sua profissão, fato diversas vezes validado pelas famílias e pela própria escola, tanto que alguns são considerados como “excelentes professores” por manterem inalterada sua “tradicional” prática.

Para Benatti (2007), ao considerar o atual contexto educacional percebe-se não apenas há a necessidade da formação inicial, mas do processo contínuo, a fim de que seja possível atender às demandas e necessidades sociais. Acredita-se que somente vista como um processo contínuo, é que a formação docente conseguiria enriquecer o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, bem como direcionar a percepção acerca das modificações e melhorias frente à realidade enfrentada, no que se refere à qualidade do ensino oferecido.

As premissas da lei nº9795/99 que implementa a constituição da educação ambiental nas escolas brasileiras, refere-se inicialmente, a formação inicial e continuada do professor, e esta lei remete que deve-se existir a incorporação da dimensão ambiental em todas as áreas do saber, bem como, a incorporação de uma ideia de gestão ambiental junto a este processo de formação, e também, que esta formação aconteça em todos as modalidades de ensino (atualização, especialização, etc.)

O que se sabe é que as propostas acerca da formação em educação ambiental, não são tão vastas quanto as formações em alfabetização e letramento ou em matemática, mas, não existe também incentivo e não é dada a devida importância ao que acontece neste processo de construção e implementação da educação ambiental dentro das escolas, e tampouco, na implementação da formação de professores para a promoção dela.

A proposta de formação de professores em meio ambiente da COEA – Programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola – considera os desafios apresentados anteriormente, ou seja, lacunas na formação inicial; lugar de Educação Ambiental nas instituições; contexto da escola; dificuldades de apropriação de conteúdos e desenvolvimento de competência para a prática de Educação Ambiental. Além disso, seus princípios contemplam os pontos orientações resultantes da Oficina Panorama da Educação Ambiental (Vianna, p.75; 2002)

Diante de todos os anseios e reflexões apresentadas espera-se ao longo deste trabalho, não solucionar problemas da escola e tampouco oferecer “receitas prontas” de como trabalhar a educação ambiental, mas, apontar as necessidades dos profissionais da educação neste aspecto e também refletir as práticas que estão dando certo e que, podem ampliar o leque de possibilidades para uma nova organização do referido trabalho dentro das escolas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisar o contexto das práticas relativas à educação ambiental e sua inserção dentro do currículo requer organização da pesquisa, e definir claramente aquilo que se quer responder, visto que, por se tratar de um assunto amplo e extremamente subjetivo, detalhes e pontos importantes podem ser perdidos ou inseridos em contextos que não permitem sua apreciação. Portanto, definiu-se a seguir o desenvolvimento da pesquisa sobre educação ambiental.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O presente estudo foi realizado no município de Campinas, da mesorregião de Campinas localizado no estado de São Paulo. Segundo o IBGE (2011), o município possui uma população estimada de 1.091.946, sendo 3º município mais populoso do estado de São Paulo

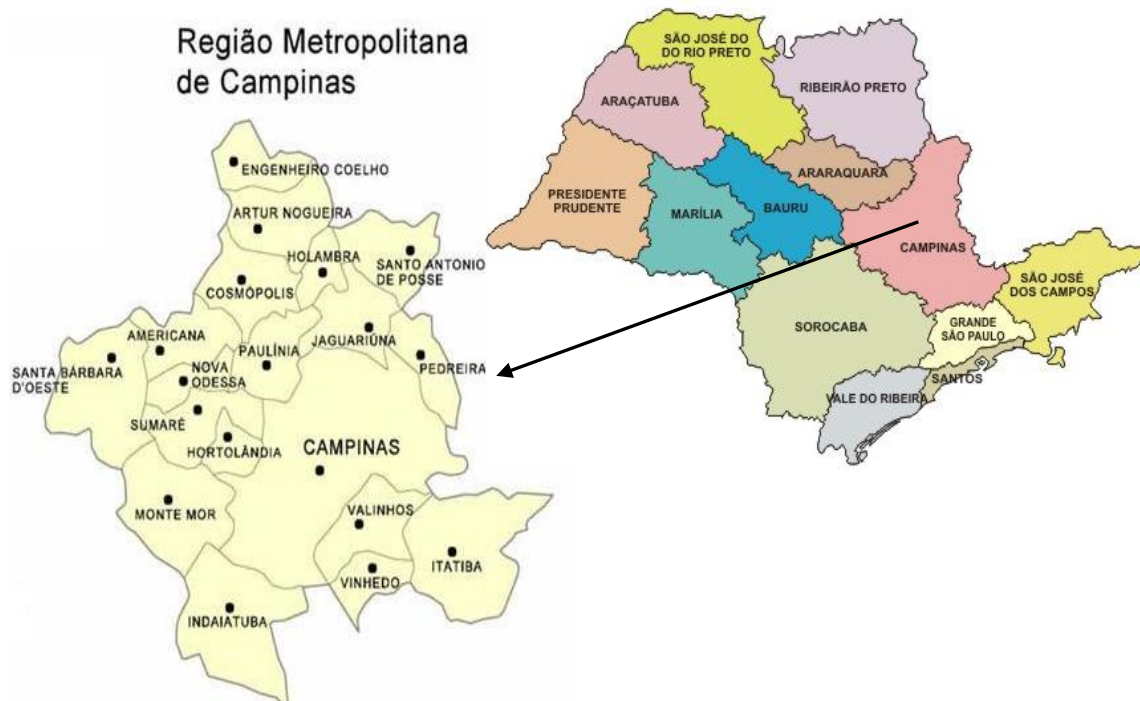


Figura 1. Mapa da Região Metropolitana de Campinas

Fonte: Adaptado de Agência de Desenvolvimento Metropolitano de Campinas

A região Campo Grande é considerada uma das maiores regiões em extensão e também das mais populosas do município de Campinas. Antigamente esta região era formada por grandes fazendas e sítios, que ao longo dos anos foram

dividindo as terras e vendendo-as em formas de terrenos, dando início assim ao crescimento populacional da região. Atualmente a região do Campo Grande possui um grande desenvolvimento econômico, sendo cotada a constituir uma sub-prefeitura e, portanto, tornar-se mais um distrito da cidade de Campinas. O Campo Grande situa-se na região noroeste do município conforme apresentado na Figura 2

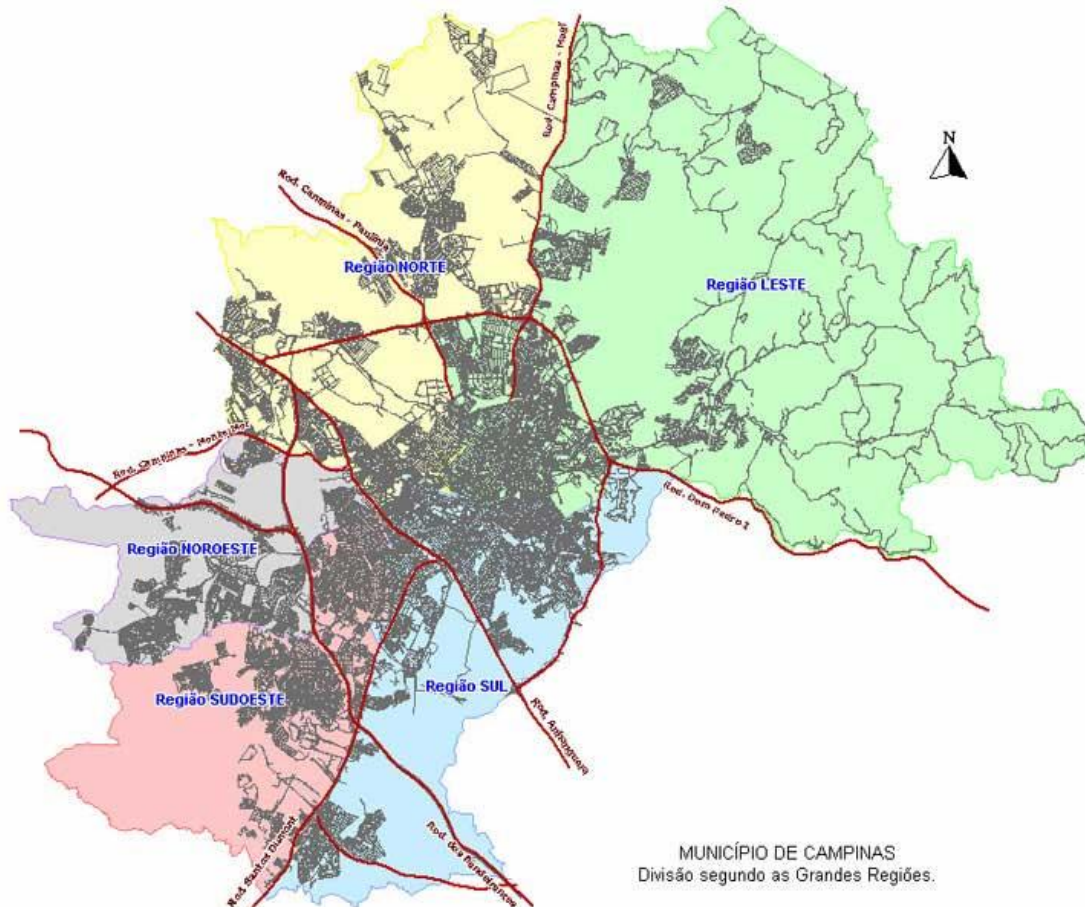


Figura 2. Município de Campinas/SP dividido em regiões
 Fonte: <http://www.campinas.sp.gov.br>

Dentro desta região, duas escolas foram o foco da pesquisa: Escola A, do bairro Parque Valença I e Escola B, no Jardim Santa Rosa. As duas escolas juntas possuem um total de 900 alunos no ensino fundamental de ciclos I e II. A escola A possui os ciclos I e II apenas no período da manhã e a segunda escola citada possui dois períodos para estes ciclos: manhã e intermediário (abolido no presente ano de 2014, tornando-se manhã e tarde).

3.2 PÚBLICO ALVO

O objeto de estudo foram professores dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) das escolas A e B. E estas possuem um total de 30 professores atuando nestes nos anos iniciais, contudo, apenas 17 participaram da pesquisa.

3.3 TIPO DE PESQUISA

Ao iniciar a pesquisa era necessário ter claro que o tema Educação Ambiental é assunto altamente discutido em infinitos espaços e, portanto, permite que as opiniões acerca dele sejam extremamente complexas. Para isto buscou-se idealizar uma pesquisa de aspecto qualitativo, isto é, não depende fortemente de análises estatísticas para atingir seus objetivos (GLAZIER, 1992).

Liebscher (1998), afirma que os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação. Normalmente, são usados quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa. Para aprender métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas.

Ao realizar a pesquisa era preciso ter claro qual a questão que se deseja responder e neste caso é: como a escola e seus profissionais podem incorporar a educação ambiental ao currículo escolar?

E para considerar este quadro, foi realizada, como já foi dito, uma pesquisa de caráter qualitativo com questionário para caracterização do grupo de trabalho e o questionário contemplado por perguntas abertas e altamente discursivas. Segundo (BRADLEY, 1993), todo esse processo permite que o pesquisador conduza seu trabalho por meio de interpretações da realidade, fenômenos e comportamentos.

Para tratamento de todas as informações coletadas foi necessário analisar cada aspecto das respostas e confrontá-las entre si e dentro dos aspectos que foram citados acima. Houve também a necessidade de agrupar as informações através de suas características para que pudesse definir e conhecer as práticas das escolas em relação à educação ambiental e o que tem sido feito para incorporá-la ao currículo.

Além disto, foi realizado levantamento bibliográfico para que a análise das informações pudesse ser confrontada com tudo o que já foi pesquisado dentro do campo acadêmico.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para esta ação da pesquisa buscou-se de um modo simples, questionar alguns profissionais da educação (professores de anos iniciais – 1º ao 5º ano do ensino fundamental) acerca de suas ações e reflexões frente à educação dentro da própria escola. Foram questionados 17 professores em duas escolas municipais de Campinas/SP, através de um questionário aberto e com questões altamente discursivas.

Na primeira parte (aspectos da sala de aula), buscou-se desvendar as práticas que acontecem dentro da escola através dos professores, portanto, caberia perguntar-lhes se realizavam tal ação, deste modo poderia identificar aquilo que os professores consideram ser parte da educação ambiental e o que poderia não estar ali descrito é que poderia fazer a diferença para o que se espera da escola neste aspecto.

Já na segunda parte da pesquisa (formação), discutiu-se a questão da própria formação em relação à educação ambiental, se de fato eles se sentiam preparados para desenvolver um trabalho minucioso ou se haveria espaço para conceitos do senso comum (que não deixa de ser relevante), mas, que na sociedade atual não cabe mais dentro daquilo que se espera da escola.

A terceira parte da pesquisa (olhares dos profissionais) é de fato o que os professores pensam acerca deste assunto, como ele deveria estar contemplado dentro de suas ações, o que eles gostariam que acontecesse e que talvez não pudesse ser desenvolvido e os motivos para que isto não ocorra. Neste momento também, pensou-se desvendar a inserção da educação ambiental dentro das aulas, se estariam contempladas apenas dentro da aula de ciências ou se existiria uma interdisciplinaridade e/ou transversalidade.

Para finalizar e tentar compreender estes olhares dos profissionais, pediu-se que cada um definisse do seu modo o que entendia-se por educação ambiental e

com este conceito pode-se determinar o por que de algumas ações que ocorrem ou não dentro do espaço escolar.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, entendeu-se que era necessário criar um parâmetro, portanto, cada questão será analisada separadamente e na tentativa de resumir os dados da pesquisa, era necessário que as respostas fossem aproximadas e que alguns pensamentos dos profissionais pudessem ser compartilhados para esclarecer e até justificar as respostas dadas por eles, pautando assim alguns apontamentos.

É importante ressaltar que a pesquisa não exigiu a identificação do profissional por se tratar de uma análise simples, sem o compromisso de estabelecer novas formas de pensar, mas, apenas para propiciar outras reflexões sobre o assunto em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa baseou-se na aplicação de um questionário aberto, com 10 questões discursivas referentes às ações e reflexões frente à educação ambiental na escola, estando dividido em quatro partes, que se entende serem momentos distintos, porém indissociáveis entre si, sendo assim definiu-se cada um deles da seguinte forma: aspectos da sala de aula, formação, olhares profissionais e conceito.

4.1 ASPECTOS DA SALA DE AULA

A primeira pergunta, da primeira área do questionário, discorria apenas sobre o desenvolvimento da educação ambiental dentro da sala de aula. Esperava-se que os professores respondessem apenas sim ou não, mas, a maioria deles julgou por bem justificar suas respostas, delineando o motivo do desenvolvimento ou não da educação ambiental dentro de sua sala de aula. Segue abaixo o resultado da primeira questão.

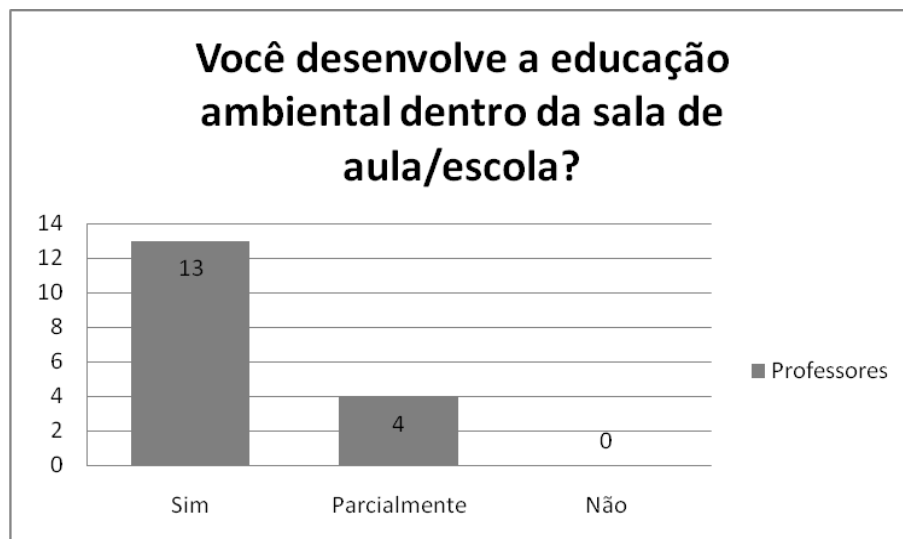


Gráfico 1. Análise da inserção da educação Ambiental na escola

Nestas respostas, não houve professor que apontasse o não como sua resposta, bem como, a quantidade de sim e nas respostas nota-se uma ênfase de que existe o trabalho com educação ambiental dentro da sala de aula. Notar-se-á a resposta de um dos professores:

“Sim, vai desde a observação e manutenção da higiene e limpeza da sala, preservação do ambiente sempre limpo. Ambiente limpo, mente saudável. Não só o ambiente escolar, mas, todo o ambiente que o indivíduo escolar está inserido”.

A segunda questão pedia aos professores que explicitassem ações da educação ambiental. Entretanto, delimitou-se as respostas dos profissionais entre aqueles que descreveram apenas práticas e aqueles que descreveram ações de práticas aliadas aos conceitos inerentes à educação ambiental.

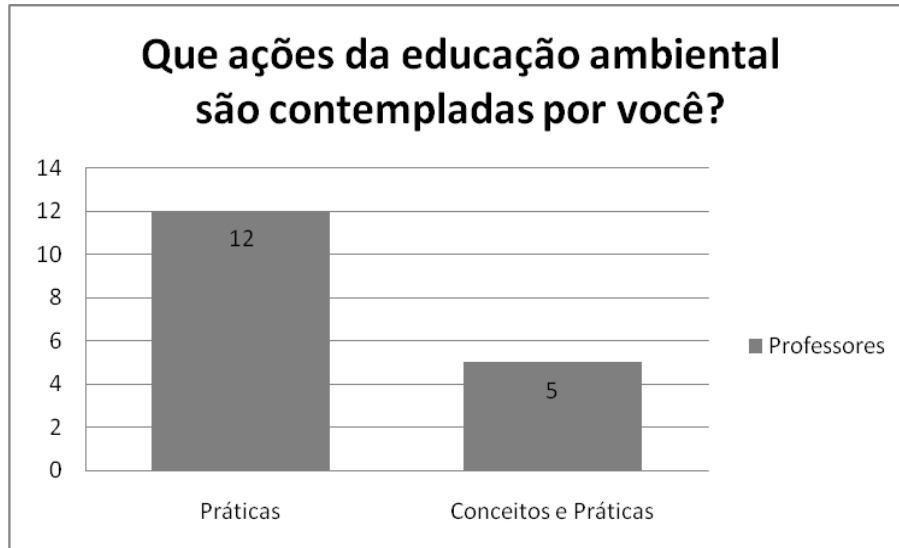


Gráfico 2. Modo de inserção da educação ambiental no cotidiano escolar

Dentro dos aspectos das práticas os professores comentaram suas ações:

“Tenho contemplado principalmente a conservação do meio ambiente, cuidar das mesas, carteiras, material escolar, o lixo no lugar certo, a limpeza do pátio, refeitório, fechar as torneiras, não desperdiçar a merenda, cuidar do seu meio.”

“Ordem, respeito e disciplina, estabelecendo e cumprindo regras estímulos ao desenvolvimento da consciência sobre a sustentabilidade do nosso meio ambiente como um todo.”

O modo como a questão foi colocada pode ter induzido os professores a pensarem apenas em práticas, entretanto, nota-se que poucos pensaram em contemplar os conceitos da educação ambiental. Em nenhuma das respostas houve ênfase neste aspecto e tampouco a importância deste ser trabalhado. As ideias expostas, remetem a situações mais simples, cotidianas, que são sim necessárias e importantes para a construção da educação ambiental, mas, não contempla todas as premissas descritas na Conferência de Tblisi, por exemplo. Pois, quando questiona-se por que o aluno voltou a jogar o papel de bala no chão, por que o aluno ainda

deixa a torneira aberta, é que questiona-se este papel da escola (sem entrar no mérito da família) e me remete a seguinte reflexão: há alguma falha neste processo.

A terceira questão do primeiro aspecto (sala de aula) remete a ideia do planejamento escolar e o embasamento para a promoção das ações da educação ambiental. Desta forma aproximou-se algumas respostas dentro das seguintes ideias: eventualidade, materiais diversos, diretrizes curriculares, interdisciplinariedade e conhecimento prévio. Obviamente que estas aproximações levaram os profissionais a serem inseridos em vários aspectos, entretanto, buscou-se quantificar e tentar simplificar as ideias expostas pelos professores. Além disto, julgou-se pertinente antecipar as respostas aos resultados:

“Planejamento é flexível, assim as atividades de E.A. encaixam em alguns conteúdos da disciplina de ciências, anotam-se os objetivos e a relevância do assunto para a turma. Quanto mais próxima a realidade da comunidade, melhor.”

“Faz parte da rotina diária, o melhor modo de ensinar é você sendo o exemplo.”

“Aproveito as situações cotidianas, muitas vezes imprevistas. Outros conteúdos pontuais sigo as orientações do livro didático complementando-as com músicas ou reportagens.”

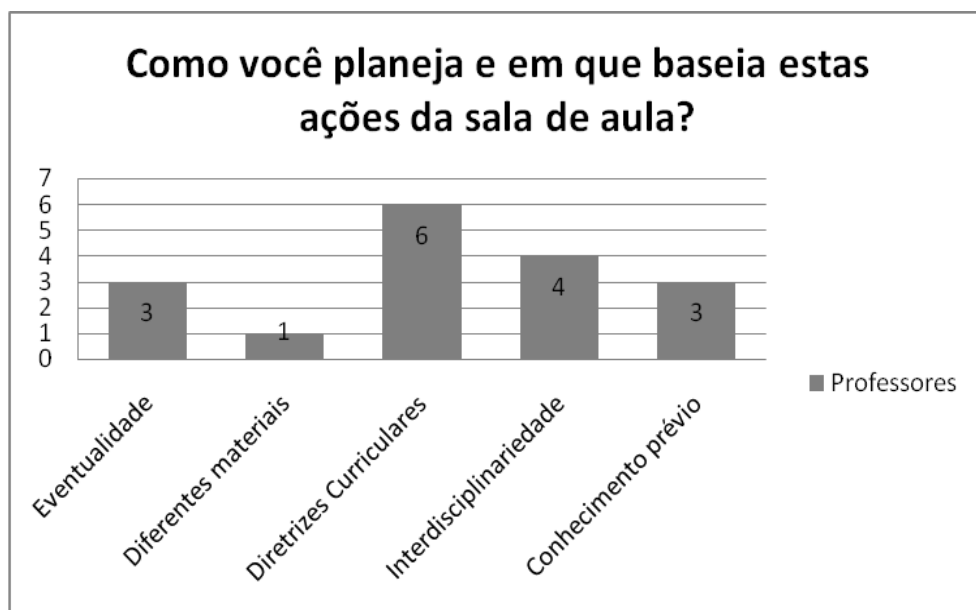


Gráfico 3. Ações em sala de aula

Nestas respostas, nota-se que pouco existe um parâmetro para o planejamento das ações. Alguns professores fizeram referência às Diretrizes

Curriculares da própria rede, e relativamente, preocupa notar que houve um embasamento apenas na eventualidade (se o assunto aparecer haverá discussão). Portanto, nota-se a ausência de um projeto/rotina didática para envolver a educação ambiental no currículo, principalmente, no que diz respeito a questões mais conceituais (degradação, assoreamento, poluição do solo, desmatamento), pois, a impressão que se tem é que não há espaço/tempo para as discussões e um trabalho mais elaborado, há apenas a referência às pequenas contribuições do dia a dia, que como já foi dito anteriormente são importante, mas, não dão conta da concepção da educação ambiental.

4.2 FORMAÇÃO

O segundo aspecto do questionário diz respeito a formação dos profissionais. Pois, não é possível compreender as ações da educação ambiental dentro da escola e não discutir ou pensar a formação dos nossos professores, diante disto, é interessante destacar que não houve espaço para determinar qual faculdade/universidade o profissional formou-se, entretanto, apenas pediu que inserissem o tipo de formação e o nome do curso.

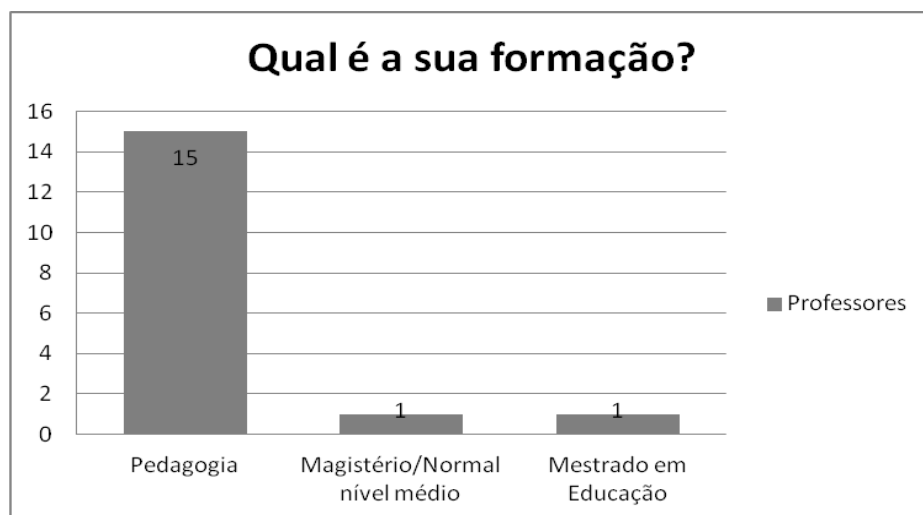


Gráfico 4. Formação dos professores

Por se tratar de uma exigência da própria rede Municipal, a maioria dos professores ingressam com a Licenciatura Plena em Pedagogia. Entretanto, seis

professores possuem uma segunda licenciatura, dentre estas, está um professor com Mestrado em Educação, mas, que sua licenciatura é a Plena em Biologia. Um professor apenas destacou a formação em nível médio, o antigo magistério. Não vou detalhar este momento da pesquisa referente a formação, há a necessidade de se aguardar a próxima questão para analisar o aspecto educação ambiental na formação dos professores.

Como foi dito anteriormente, a próxima questão remetia os professores a refletirem a própria formação, se a educação ambiental foi ou não contemplada junto a mesma. Pediu-se também que comentassem brevemente o modo como a educação ambiental abordada.

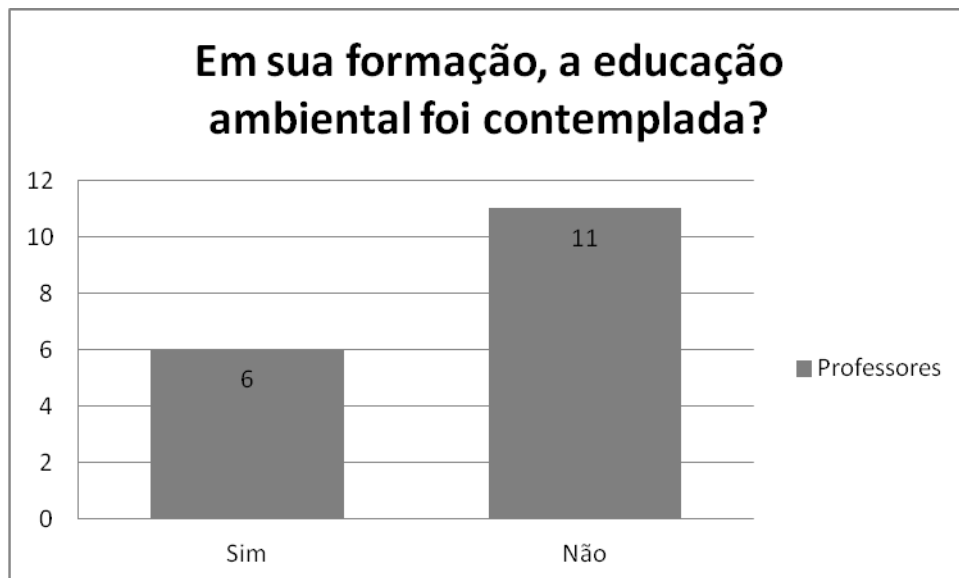


Gráfico 5. Educação Ambiental na formação

Frente a este resultado, é interessante analisar que a maior parte dos professores abordados pela pesquisa demonstram não possuir qualquer tipo de formação relativo a educação ambiental dentro de sua formação inicial enquanto professor de anos iniciais. Sendo assim, preocupa que são estes professores que discutem a educação ambiental com os alunos sem possuir o preparo para tal, com exceção a outros cursos de formação continuada que esta pesquisa não preocupou-se em obter, visto que concebe a educação ambiental uma parte fundamental da formação inicial e que deveria estar inserida de modo enfático dentro de todo e qualquer currículo da educação infantil ao ensino superior.

A formação contínua dentro da educação ambiental não consegue contemplar todos os profissionais, visto que muitos deles nem tempo possuem para dedicar-se a um curso complementar a sua prática e outros não possuem disposição para desenvolvê-lo, mesmo sabendo ser necessário. A maior parte das redes de ensino não aderiram ao projeto de investimento na carreira de seus professores (Lei do Piso), para que não seja necessário trabalharem mais do que um período e terem a disponibilidade e quem sabe até a obrigatoriedade para contemplar cursos importantes para o processo de ensino- aprendizagem. Os planos de carreira são falhos, a classe do magistério é altamente desunida como muito já se verificou e os maiores problemas acabam por aparecer principalmente quando se exige do aluno habilidades que não foram desenvolvidas junto a ele.

A defasagem e a preocupação com a ausência desta formação fica explícita nas respostas a seguir.

“Sim, na forma de palestras e seminários.”

“Durante os estudos na universidade, fiz uma matéria eletiva (não obrigatória no currículo de Pedagogia) em Educação Ambiental, que contemplava o conceito da disciplina e como ela interfere em nossa vida.”

“Apenas em Pedagogia quando estudamos os PCN’s que acabamos vendo brevemente assuntos relacionados ao meio ambiente.”

“Como me formei em 1970, se preservava, mas, não se educava. Hoje repassamos os conhecimentos e normas de comportamento além do cumprimento pelos futuros cidadãos.”

O que se pode notar com estas e outras respostas não descritas aqui é que deve existir uma referência mínima, e diria até, uma boa vontade para se desenvolver a educação ambiental dentro de um currículo de formação inicial, contudo, não se obtém informações importantes e pertinentes que sejam favoráveis a construção de um currículo ou de uma proposta sólida para educação ambiental dentro dos anos iniciais. Proposta esta que de fato possa estabelecer uma significativa mudança de comportamento no aluno, sendo o que a sociedade espera da escola.

A última questão da segunda parte – formação – contemplava o sentimento que o professor possui em relação a sua própria capacidade para promover um trabalho relativo a educação dentro de sala de aula ou escola.

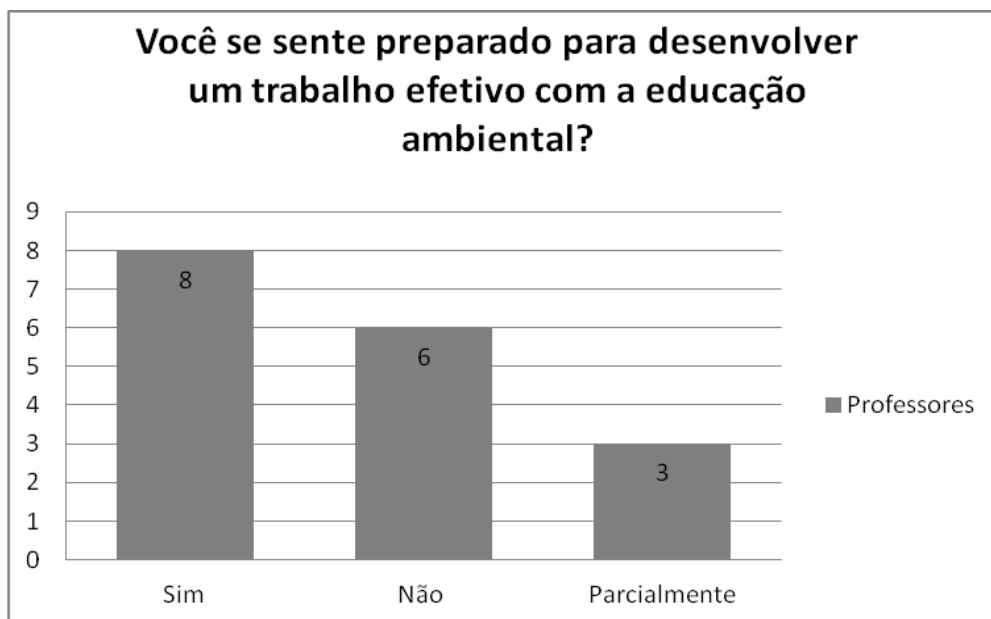


Gráfico 6. Preparo profissional com educação ambiental

É interessante analisar as respostas dos profissionais deste parâmetro se refletir o seguinte: na questão anterior onze professores responderam que não foi abordado nenhum tipo de informação sobre educação ambiental em seu currículo e seis disseram que foi abordado ou em disciplina eletiva ou de maneira sucinta. Em contrapartida, oito destes professores responderam nesta última questão que sentem-se preparados para promover a educação ambiental dentro de suas escolas e três deles disseram que sentem-se parcialmente preparados para a proposta em questão.

Neste caso, é preciso ter cautela e não permitir que as emoções tomem conta da análise, mas, fica muito evidente a existência de algum ponto dentro deste processo de educação para o ambiente que não está sendo bem direcionado ou promovido. E novamente, é importante retomar as respostas dos professores para que se façam mais esclarecedores os apontamentos acerca do gráfico.

“Em nível de ensino fundamental de séries iniciais do Ensino fundamental acredito sim haver preparo para o desenvolvimento do trabalho com a educação ambiental, mesmo porque é papel do educador manter-se atualizado com questões de suma importância para a sustentabilidade da sociedade e do planeta. “

“Por ser um tema atual, ligado a nossa vida diária, eu acredito ser de fácil abordagem.”

“Parcialmente. O município deveria investir em cursos de formação sobre o tema e fornecer materiais/recursos para as práticas com os alunos.”

4.3 OLHARES DOS PROFISSIONAIS

O próximo aspecto tratava do olhar dos profissionais acerca da educação ambiental dentro do seu ambiente de trabalho e a primeira questão referia-se a existência de um trabalho efetivo dentro da escola que pudesse promover a educação ambiental, nesta questão abriu o leque de opções para uma abrangência como projetos, trabalhos voluntários, incentivos empresariais e quaisquer outros meios de promoção da E.A.

É notório que existe sim dentro das escolas problemáticas ambientais pontuais que são tratadas, projetos interessantes que promovem boas reflexões, mas, o que se faz além disto e como isto é avaliado na prática não é possível obter além do espaço escolar, exceto se houver um estudo detalhado da vida da comunidade ao redor da própria escola. Que impacto está causando junto aos alunos o trabalho desenvolvido, por exemplo, por uma professora do 1º ano que diz respeito a como separar o lixo. Será que este mesmo trabalho é retomado pela professora do 2º ano, que irá abranger um pouco mais o assunto e mostrará que determinados objetos demoram mais tempo para serem degradados e, portanto, precisam ser descartados de modo correto e a principal questão é, será que os alunos aprenderam?

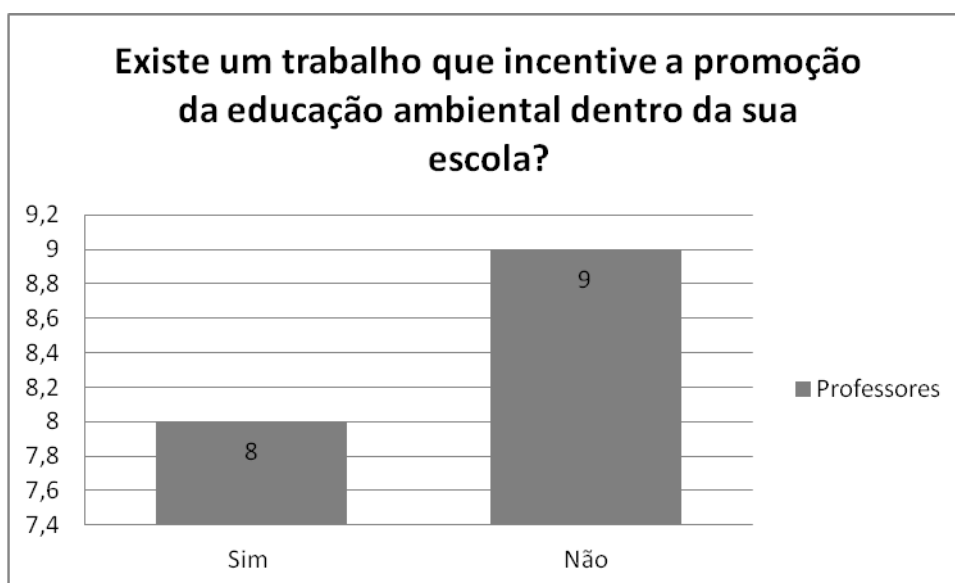


Gráfico 7. Promoção da Educação Ambiental

Como visto nas respostas acima, os trabalhos até existem na visão de alguns professores, mas, na visão de outros não. E na fala destes é importante destacar que quando existe um trabalho, talvez este não seja completo, ou tampouco dê conta de resolver os problemas do mundo, mas, o mais grave é que não existe a continuidade, nem a avaliação e tampouco a extensão das ideias e práticas (as ações ficam apenas dentro da escola, quando não, apenas na sala de aula).

“Sim, o jardineiro, faxineiro, eletricista, o recolhimento dos restos de alimento para os porcos. A reciclagem, os tambores coloridos (vidro, papel, metal, orgânico).”

“Não de maneira coletiva, mas, sim individual. Alguns professores trabalham a valorização do escolar, ao redor da escola.”

“O que mais destaca é o projeto de uma professora sobre horta e mata nativa desenvolvido com alunos de sua turma.”

“Não. Houve a distribuição de um livro abordando o tema, contudo, o multiplicador responsável não explicou a maneira pra se trabalhar, mas, não impediu o uso do material.”

“Sim. Já há bastante tempo existe o trabalho voluntario da orientadora pedagógica e de alguns funcionários que recuperaram e mantém o jardim da escola.”

A segunda questão do aspecto “olhares dos profissionais”, parte do referencial da educação ambiental dentro do currículo, melhor explicitando, de como está contemplada a educação no currículo da rede de ensino em que trabalham.

Neste caso é interessante destacar e analisar separadamente algumas respostas oferecidas pelos professores.

“Através dos conteúdos programados para cada disciplina e na visão de uma aluno participativo que deve assumir um papel ou elemento central do processo de ensino, levando este a saber diagnosticar os problemas a responsabilidade e ações para a construção de.”

“No Ensino de Ciências e Geografia. Penso que a Ed. Ambiental deve ser trabalhada de forma integrada envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Os conteúdos referentes a esse tema estão presentes nas diretrizes curriculares de Campinas.”

A ideia apresentada por este profissional remete-nos a analisar a seguinte ótica: não é difícil imaginar que os professores não saibam lidar ou tratar dos aspectos da E.A. dentro de suas classes, entretanto, é leviano afirmar que estes o façam com excelência. E sem apontá-los enquanto culpados, mas, destacar com toda a certeza a necessidade iminente da produção de saberes construídos pelos próprios professores que permeiam suas concepções diariamente e sabem, como dizem por aí, “onde é que o calo mais aperta”. Porém, é relevante afirmar que deixar de oferecer a estes profissionais, em exercício, um novo suporte para tratar da educação ambiental dentro de toda a educação básica a fim de suprir possíveis contradições, que despontaram durante o desenvolvimento deste trabalho.

A última questão do terceiro aspecto, pediu aos professores que sugerissem as maneiras como a educação ambiental deve ser promovida dentro da escola e da sala de aula, e as sugestões foram muito interessantes: palestras, conscientizar os pais, vídeos, material de apoio, por meio de projetos, atividades práticas, sensibilização dos valores.

Estas sugestões provavelmente são as que de certa forma já devem ter ocorrido dentro do próprio espaço escolar, ou da vida dos profissionais que responderam a este questionário. E é necessário dar ênfase ao seguinte: esta promoção deve sim acontecer ou continuar acontecendo dentro da escola, mas, até quando estas ações seguirão dentro da eventualidade, como parece ocorrer aqui? Há espaço no currículo da educação básica para que a educação ambiental não seja apenas “conteúdos pontuais” das aulas de ciências?

4.4 CONCEITO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para finalizar esta pesquisa, pediu-se aos profissionais que conceituassem o que entendiam por educação ambiental. Neste momento é interessante que cada leitor reflita acerca das respostas dos profissionais e determinem para onde pode estar seguindo o trabalho com a educação ambiental dentro do nosso país.

“Educação Ambiental refere-se aos ambientes onde vivemos, as relações que estabelecemos com eles, as consequências das nossas ações e as possibilidades de transformação.”

“Preservação, conservação, proteção, consciência da necessidade e dependência que temos da nossa responsabilidade em tornar nosso planeta habitável, respeitando a natureza em si.”

“Educar e ensinar os seres como conviver com planeta de uma maneira sustentável sem que ela sofra e onde o homem pode retirar da natureza tudo o que ele precisa.”

“Conscientizar sobre a preservação do meio ambiente.”

“Educação ambiental, é o componente que pode fazer parte da disciplina de ciências. Sua responsabilidade é sensibilizar sobre o ambiente, a proteção, a sustentabilidade da sociedade e a consciência de que o homem é quem faz parte do ambiente tendo que preservar o que ele próprio degradou.”

“Conscientização das pessoas sobre a preservação do ambiente em que vivem, buscando ter qualidade de vida. Educar as pessoas para a utilização dos recursos naturais do planeta oferece que seja de forma correta, pensando nas gerações futuras.”

“Para mim, a educação ambiental tem como objetivo desenvolver no indivíduo um caráter social em relação a natureza, com os outros seres humanos. O respeito e o cuidado com o meio, conduzindo a melhora na qualidade de vida.”

“Educação que promova o conhecimento das relações entre os seres vivos com os elementos da natureza. Como viver: soluções para continuarmos usufruindo dos avanços tecnológicos conquistados pelo homem sem prejudicar ainda mais a natureza. Campanha contra o consumismo.”

Esta ineficácia em que se constituiu a educação ambiental desenvolvida dentro da escola parece não ter muita importância na construção de seu currículo, pois, ela está tão “aparente” nos textos de língua portuguesa, nos livros de ciências e de geografia, que ela é conteúdo já trabalhado no ano. Culpa dos professores? Talvez, um pouco e não. Todavia, nota-se que existe sim, junto a estes professores uma sobrecarga daquilo que não estão preparados para promoverem, ou seja, como pode um professor discutir os contextos da erosão, do assoreamento, das áreas de proteção permanente, quando ele não domina o assunto e tampouco sabe do que se trata? Como é possível um professor desligar-se do compromisso de alfabetizar alunos ao final de um 5º ano quando este mesmo aluno já deveria sair do 3º ano, lendo, escrevendo, produzindo pequenos textos?

Diante do exposto, percebe-se que escola não consegue realizar nem o mínimo daquilo que se propôs a realizar, e tampouco, conseguirá promover a educação ambiental, mesmo que seja de forma mínima, como desejada na Conferência de Tbilisi. Não se está aqui desprezando, e tampouco, julgando mal o que a escola já faz, longe disso, entretanto, este trabalho vem clamar na urgência de uma reestrutura dentro da escola, e daquilo que o país concebe por educação, e não somente na produção e incentivo da educação ambiental e sim, em todos os seus aspectos e contextos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial desta monografia era incitar reflexões e expor alguns pontos acerca da produção e desenvolvimento da educação ambiental dentro das escolas de anos iniciais. Compreende-se aqui que existe uma quebra nos paradigmas profissionais na concepção da ideia de educação ambiental, bem como, da forma como esta deve ser trabalhada. Existe a urgente necessidade de reconstruir o conceito e a prática de educação ambiental dentro destas escolas. Obviamente, que não apenas os resultados obtidos com a pesquisa permitiram chegar a esta conclusão, mas sim, o comparativo com a descrição das bibliografias pesquisadas, especialmente, a Declaração de Tbilisi, que envolve vários precedentes de educação ambiental que tornariam o desenvolvimento desta possível dentro de uma escola.

Pensando, dentro do quadro dos profissionais da educação (professores, gestores, orientadores pedagógicos, faxineiros, inspetores e outros), é possível notar que a noção ao longo de todos estes trinta e seis anos, desde Tbilisi, é a de que cada um deve fazer sua parte (um pouquinho cada um já está bom), constituiu-se a ideia do mínimo, “eu estou fazendo minha parte, mas, não sei sobre a parte do outro”. Sendo assim, a tentativa de desenvolvimento da educação ambiental está pautada (e posso até ser um pouco leviana neste momento) em promover o mínimo de ações e reflexões, pois, não é justificável que depois de tantos anos, uma mesma escola realizando projetos sobre lixo e reciclagem, que seus alunos continuem sujando suas mesas com papéis, quando a lixeira está a poucos metros dele.

É necessário sim construir na criança/adolescente o desejo de pertencer e de cuidar do local onde vive, mas, não somente isto, é importante que esta criança compreenda que ela faz parte de algo maior, que é a sociedade, que existe sim uma consequência para cada ação mal pensada que ela faz e que deve sim, cobrar a sua própria família de uma postura mais sensata no que diz respeito ao meio ambiente. Contudo, parar apenas no mundo da criança e apenas na palavra “meio ambiente” é privá-la de conhecer e dominar os problemas gerais da sociedade, ela deve dominar ao poucos os conceitos pertinentes à educação ambiental e do meio ambiente, mas, também das políticas públicas do município, estado e país, que interferem diretamente naquilo que se discutiu aqui neste trabalho desde o seu início.

Cabe à escola produzir um cidadão durante todo o seu tempo de vida escolar (da educação infantil ao ensino médio, e por que não ao ensino superior) que consiga identificar-se parte integrante do seu meio, mas, também da sociedade, que saiba jogar o papel no lixo, mas, que saiba cobrar a mesma postura de seus próximos e de seus governantes, que participe das sessões da câmara de sua cidade e que entenda a importância das políticas públicas para a sociedade. É papel da escola sim, formar o indivíduo através das concepções da educação ambiental, mas, também, das concepções de educação básica (ensinar o aluno a ler, escrever, resolver problemas, produzir bons textos, compreender textos diversos, agir sobre seus direitos e deveres, e oferecer-lhe toda a sorte de conhecimento, nos mais variados campos do saber).

Existem nas escolas públicas, os melhores profissionais da educação (avaliados por concurso de provas e títulos), todos que se formaram com sonhos e com grandes desejos de transformação. Muitos foram rendidos pela não modificação do tempo e espaço da escola, outros dominam a nobre arte de dominar o tempo, desdobrando-se em três períodos, para equipararem um salário que seria o desejável para todos, muito mais do que isto, um salário minimamente digno da profissão que exercem. Deste modo, como é possível para um professor formar-se e ter vontade de propor ações efetivas, quando ele está ocupado demais exercendo um ofício e não uma profissão.

Não há mais tempo para os Municípios, Estados e para o País, ficarem “pensando” a educação de modo estrato, não é possível mais permitir que a educação sirva de sustento para o “ego” de secretários, diretores e dirigentes de educação (eu diria até coronéis), que imaginam uma educação sem continuidade de trabalho, sem autonomia para os profissionais, com cobranças burocráticas irrelevantes, com ausência de tempo para formarem-se continuamente, com tempo para pensarem na própria prática e também, buscarem a construção sólida de um currículo que se faz necessário para a escola em que trabalham e para a vida do aluno em sociedade.

A educação precisa ser reestruturada numa carreira única para o professor em que ele não precise realizar várias jornadas. É necessário também a reestrutura do número de alunos em sala de aula, com ampliação das possibilidades (quantas escolas possuem laboratórios? – poucas), construindo-se mais escolas, com a

ampliação do tempo tanto do professor como do aluno dentro dela, ampliação da autonomia do gestor escolar e a promoção da participação social dentro desta escola, no sentido de promover a construção de uma escola onde existe a decisão democrática de ações importantes, como a destinação das verbas recebidas, por exemplo.

Estes e outros exemplos são poucos, perto de tudo o que ainda é necessário fazer pela educação (principalmente pública dentro do país) e, desejar que a educação ambiental seja promovida num contexto tão comprometido e diverso, parece ser algo abstrato demais, e nos faz olhar com orgulho do que já acontece dentro da escola. Mas, esta monografia parabeniza os profissionais da educação por tudo o que já realizam e idealizam dentro da escola, mas, propõe o comprometimento de todos na promoção de uma educação ambiental inserida efetivamente dentro de um currículo gerador de grandes mudanças na vida de cada aluno, de cada cidadão.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, Ocimar M.; A organização do ensino fundamental em ciclos: algumas questões; Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

BARBIERI, José Carlos; Educação Ambiental Legal; Introdução; Ministério do Meio Ambiente; 2002.

BENATTI, Muriel S.; A importância da formação do professor para sua atuação em sala de aula; Anhanguera Educacional; p. 12; 2007.

BIZERRIL, Marcelo X. A. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental*; R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 82, n. 200/201/202, p. 57-69, jan./dez. 2001.

BRADLEY, J. Methodological issues and practices in qualitative research. Library Quarterly, v. 63, n. 4, p. 431-449, Oct. 1993.

BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>, acesso em 05/05/2014.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de Julho de 2008. Dispõe a instituição da Lei Nacional do Piso Salarial para os profissionais do magistério público Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>, acesso em 05/05/2014.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL Tbilisi, Geórgia, 14 a 26 de outubro de 1977; Disponível em: <<http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf>>, acesso em 05/05/2014.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O MEIO AMBIENTE; Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf>>, acesso em 05/05/2014.

FREIRE; Paulo; Pedagogia do Oprimido; 17ª Edição; Rio de Janeiro; Paz e Terra; 1970.

GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. Qualitative research in information management. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992. 238p.

LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. Library Trends, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998.

MENDES, Regina; VAZ, Arnaldo. Educação ambiental no ensino formal: narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.25 n.03, p.395-411, dez. 2009.

NÓVOA, Antônio. Os Professores na Virada do Milênio : do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS; Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental; Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.

SILVA, Marina; Cavalcanti, Ludmila; Ministério do Meio Ambiente. Caminhos e Encontros. Diretoria de educação Ambiental. Brasil, p.5, 2005.

VIANNA; Lucila; Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental; Ministério do Meio Ambiente; 2002;

APÊNDICES

Questionário para professores dos anos iniciais

“As práticas e os desafios para agregar a educação ambiental aos anos iniciais do ensino fundamental.”

1. Aspectos da sala de aula:

- a-) Você desenvolve a educação ambiental dentro da sala de aula/escola?
- b-) Que ações da educação ambiental são contempladas por você?
- c-) Como você planeja e em que você baseia estas ações da sala de aula?

2. Aspectos formação:

- a-) Qual é a sua formação?
- b-) Em sua formação a educação ambiental foi contemplada? Comente brevemente os aspectos que considerar mais relevantes
- c-) Você se sente preparado(a) para desenvolver um trabalho efetivo com a educação ambiental em sala de aula/dentro da sua escola?

3. Olhares dos profissionais:

- a-) Dentro da sua escola existe um trabalho efetivo que incentive a promoção da educação ambiental? Descreva-o brevemente (projeto, trabalho voluntário, incentivo empresarial)
- b-) Como a educação ambiental está contemplada dentro do currículo da rede de ensino que você trabalha?
- c-) Como você sugere a promoção da educação ambiental dentro da escola/sala de aula?

4. Conceituando:

- a- O que você entende por educação ambiental?